



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Engelmann, Arno

Da Conceituação de Estado Subjetivo até a Proposição dos Escalões de Percepto

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 2, 2002, pp. 393-405

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815216>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Da Conceituação de *Estado Subjetivo* até a Proposição dos *Escalões de Percepto*

Arno Engelmann¹
Universidade de São Paulo

Resumo

O artigo refaz o percurso de Engelmann, lidando em 1962 com perceptos chamados de afetivos até a proposição dos escalões de percepto. O estudo aprofundado dos perceptos afetivos indicavam estados conscientes não localizados. Engelmann denominou-os *estados subjetivos*. Mas deparou que havia ao mesmo tempo outros estados localizados. A solução era dois escalões: um superior — estados subjetivos — e outro inferior — estados objetivos. Na tarde Engelmann encontrou *estados objetivos*, estados conscientes não localizados e externos, representados por locuções meteorológicas. Finalmente, reestudando um número enorme de experimentos de percepção, encontrou que havia cinco escalões de percepto, organizados prioritariamente na sequência seguinte levando em consideração os estados *total*, *bipartido*, *supramodal*, *modal* e *fragmentário*. Os indivíduos são capazes de estar momentaneamente em todos os escalões, nunca mais de um. Não se sabe, por enquanto, se é possível representar por intermédio de estados conscientes a consciência além dos perceptos.

Palavras-chave: Percepção; emoção; consciência; linguagem; teoria da gestalt.

From The *Subjective State* Concept toward The *Percept Echelons* Proposition

Abstract

Dealing firstly with the affective percepts in 1962 and ending with percept echelons, the paper reexamines the psychological pathway. A serious study of mostly affect percepts indicated nonlocalized internal consciousness. Engelmann called them *subjective states*. But at the same time he found that there were other internal but localized states. The solution was two echelons: a superior — subjective states — and another inferior — objective states. They were mainly characterized through reporting the weather. Finally, revisiting perception studies, *total*, *bipartite*, *supramodal*, *modal* and *fragmentary* states are found and organized through larger percept echelons. In one moment only one percept echelon is possible, not more than one. Others parts of consciousness are divisible through echelons.

Keywords: Perception; emotion; consciousness; language; gestalt theory.

Em 1962 estava preocupado em que subdivisão da psicologia deveria colocar as minhas pesquisas sobre emoções. De acordo com o esquema experimental, iria utilizar os *principais nomes de emoções* apresentados a sujeitos como meio de chegar-se, por seu intermédio, a acontecimentos dentro das suas consciências. Evidentemente, não usei o termo *consciência* nas apresentações da época.

colher uma lista portuguesa de sujeitos.

Na época muitos colegas de psicologia, influenciados pelo behaviorismo radical, achavam que a parte de comportamento constituía uma parte do comportamento que a parte de comportamento era o instrumento de pesquisa.

emoção, que *ficavam* numa emoção, etc. parece caracterizar a consciência individual das emoções. Eram verbos semelhantes a *perceber*, porém havia algo de diferente. Por isso os empregavam.

Qual a diferença entre perceber e sentir? Percebo objetos, percebo pessoas, percebo cheiros, percebo o gosto da comida, percebo dores. Nessa percepção uma parte do ambiente ou uma parte de meu corpo é notada. Entretanto, quando sinto alegria, sinto raiva, fico apaixonado, esse sentir ou ficar refere-se a todo meu corpo, a todo meu organismo. E é também isso que ocorre com outras pessoas. A diferença reside em quanto vai ser notado. Quando uma parte do total é notada, fala-se na língua corrente em percepção. Quando a parte é bem maior ou quando é o todo, pode-se dizer que se fala em emoção. Entretanto, a parte notada por sujeitos será apenas diferente no uso natural dos dois verbos: partes pequenas seriam percebidas; partes maiores seriam sentidas, seriam sentidas enquanto uma determinada emoção.

A parte notada seria notada conscientemente. São fatos da minha consciência as diversas percepções e as diferentes emoções. E são fatos da consciência dos organismos as diversas percepções e emoções de outras pessoas. Há uma palavra pouco usada nas notações conscientes que corresponde a algo no ambiente ou no corpo: *percepto* (Ferreira, 1999; Prado e Silva, 1970). Percepção pode ser não consciente. Se for consciente então o melhor é chamá-la de percepto. *Percepto* é um termo que emprego nos últimos dez anos para caracterizar o tipo de conteúdo perceptivo da consciência. Entretanto, já era utilizado por Köhler (1938a).

Então, dever-se-ia falar em emoção toda vez que um indivíduo apresenta consciência no seu próprio corpo e essa consciência qualifica o corpo todo? Koffka (1935) chama de *emoção consciente* a dinâmica das forças psicológicas intra-ego. O *ego* é a parte da consciência ligada ao corpo da pessoa, restando a outra parte da consciência

iguais a *alegria, raiva e apaixonado*. O *percepto* é a parte que ocuparia toda a parte interna do corpo, não há aí qualquer divisão, ao contrário dos *perceptos* representados no ambiente — *caneta, dor no próprio corpo* — *dor no incisivo superior, dor no braço esquerdo*. Portanto, ou deveria a emoção de emoção — chamando em psicologia de estados emocionais apesar de não corresponderem ao uso comum da palavra — ou introduzia um novo uso para essa última solução que me pareceu a mais adequada.

Que há de comum entre os vários *perceptos*? Para mim, esse comum (1) é consciência, (2) a parte do corpo da pessoa, (3) a pessoa é consciente de mais nada em relação a esta localização. Quando dura um certo tempo. Criei o termo *estado subjetivo* por se referir à parte debaixo da pele do indivíduo. Seria *estado* porque dura um certo tempo, ainda que esse tempo pode ser mais ou menos longo (Engelmann, 1978).

Apresentei o novo conceito publicamente na minha tese de doutoramento. Em 1978. O curioso é que o título da publicação é *Consciência e Emoção*. Escrevo no livro:

Há outros tipos de relatos verbais que são acompanhados de apontar. São referidos ao organismo sem especificação adicional. Mas, quando se refere a uma determinada região do corpo. Não pondo ponto a ponto com um “acontecimento” mas com um “estado” que seja possível estabelecer uma sua relação com as condições precursoras. Propomos a expressão *relato de estado subjetivo*³ para denotá-los e a de *estado subjetivo* para as ocorrências que dá origem a tais relatos... (Engelmann, 1977-78).

Dois Níveis de Percepto, ou Melhor, Dois Tipos de Percepto

Como deve ter ficado claro no uso do termo *estado subjetivo*, uma boa fração desse

os fins do século XIX, suficiente para derrubar o que descrevi antes?

Os perceptos devidos a excitação do sistema nervoso autonômico aferente sem dúvida existem e existem principalmente no caso de emoções. Mas dizer que a consciência de emoção nada mais era do que o conjunto das percepções periféricas é um passo que vai além do necessário. Por que William James achava que a consciência da emoção era somente isso? Consultando a opinião dos neurologistas da época, James (1890/1950) julgava que não havia no cérebro centros emocionais. Hoje em dia a opinião dos neurologistas é bem diferente.

Claparède (1928), pelo contrário, acentuou a emoção como um acontecimento global. Reconhecendo a importância da teoria de James-Lange enquanto localização das emoções, Claparède achava, no entanto, que é a forma ou gestalt dos múltiplos perceptos orgânicos a origem da emoção, e não os meros perceptos.

Há uma série de estudos mais recentes que tocam sobre a importância de perceptos internos e sua relação eventual com emoções. Cito dois. Mason (1961) reuniu inúmeros estudos fisiológicos que constavam de periódicos e livros até 1958. Classificou-os em 28 áreas, baseadas em regiões da superfície do corpo para situá-las, ainda que cada área é tridimensional e ocupava toda a sua porção interna. Além disso, incluiu algumas áreas amplas do corpo. O corpo é sempre integrado, diz Mason. Como resultado, chegou a uma série de estados psicológicos não-cognitivos. Entre os estados, havia alguns que eram julgados emocionais: alegria, amizade e amor, raiva, medo, depressão e nojo. Há outros, que não eram relacionados com a emoção: fadiga, fome e sede. E outros ainda cuja classificação emocional era duvidosa: sentimento sexual e tensão. Nieuwenhuyse, Offenber e Frijda (1987) dividiram o corpo humano em 63 seções. Aplicando a pesquisa com 172 sujeitos, concluíram que há distinções para relacionar dez emoções na base dos perceptos localizados internos.

como um conjunto de unidades si. Na natureza há uma seqüência de sistemas? Variam um pouco de sistemas minerais é possível citar os planetas, as estrelas, as galáxias, os superaglomerados de galáxias, as ocorrências vivas, os órgãos, os organismos, os grupos sociais, o sistema supranacional. James G. Miller em 1975 (Bertalanffy, 1975; Jantsch, 1980; J. G. Miller, 1982; Rapoport, 1968).

Um nível superior, ainda que os níveis imediatamente inferiores são realmente nova. Entretanto, as coisas caem por baixo. “A abordagem necessariamente interdisciplinar” (Miller, 1978, p. 1045). Existe a diferença com diferenciação de objeto.

O biólogo Bertalanffy (1938b) e de Whitehead (1929) as primeiras idéias sobre teoria geral em 1930 e mais tarde em diversos livros à Segunda Grande Guerra. Os primeiros livros de Bertalanffy reconheceram a anterioridade (1938b) e de Whitehead (1929) o universo (Bertalanffy, 1968, 1975).

Köhler foi um psicólogo. Wertheimer e Koffka, originou a Gestalt. De acordo com a escola, em que se todos ou *gestalten*⁵. Cada *gestalt* é diferente de outra *gestalt* e o percepto do relacionamento dos objetos individuais percebidos (Engelmann, no prelo). Köhler para o campo transfenomênico.

bem organizadas do que as *gestalten* geralmente citadas. Fui aluno de Annita Cabral a partir de 1956. Reconheço a ela os meus primeiros passos na psicologia gestáltica. Continuo nessa linha, ainda que haja vários pormenores de outros pensadores que aceito, entre os quais os níveis de organização. Em 1982, saiu publicado pela primeira vez a minha adesão à teoria geral de sistemas (Engelmann, 1982).

Os psicólogos trabalham principalmente com o nível de *organismo*, nível do indivíduo animal. Sem dúvida, é importante para melhor compreensão de acontecimentos no organismo conhecer o nível imediatamente inferior. E, igualmente, é importante conhecer o nível imediatamente superior. Entretanto, a grande maioria das pesquisas psicológicas é organísmica.

Dentro do nível de organismo, pode-se estudar as consciências de outras pessoas ou *consciências-mediatas-de-outros*⁷. As consciências-mediatas-de-outros são formadas, entre outras partes, por perceptos. Nos perceptos notam-se também dois níveis: um superior, que chamei de estado subjetivo, e um inferior, que seriam os perceptos internos localizados. Entretanto, esse uso da palavra *nível* seria diferente da utilização da mesma palavra dentro da teoria geral dos sistemas, no qual atingir um nível seria dado quando surge uma estrutura realmente nova. Por essa razão procurei uma palavra diferente. *Escalão* é, no dicionário de Aurélio “Cada um dos pontos sucessivos de uma série” (Ferreira, 1986, p. 682). *Escalões* seriam níveis, mas não na representação dos sistemas.

O Conceito de Estado Objetivo

Logicamente, se os estados subjetivos existem na consciência como perceptos ocupando cada um a parte interna, seria possível também *estados objetivos* existirem? Isto é, seriam perceptos ocupando cada um toda a parte externa, ao invés da interna? Pensei no problema. Realmente, diversas línguas possuem palavras que denotam tipos de tempo metereológico. Se o tempo é

E parece que utilizando a locução, que é um percepto único, cuja única localização é fora. Portanto, está-se diante de estados objetivos.

Num pequeno artigo, exemplifiquei como indicado por locuções como *O dia está quente, Está escuro, Sinto o dia triste* (Engelmann, 1982). Apresentei, portanto, dois escalões: o superior, o estado objetivo-subjetivo, e o inferior, os perceptos externos e internos.

Entretanto, nesses perceptos inferiores a modalidade seria necessariamente visual, gustativa, etc. ou haveria um lugar também para um estado comum? Teria um lugar para as sensações realmente percebidas por um grupo grupal? E, principalmente no grupo experimental? De outro lado, seria possível um estado objetivo-subjetivo no percepto objetivo?

Além disso, descobri mais tarde que a distinção externo-interno me parece mais adequada à distinção objetivo-subjetivo. A palavra *estado*, além da minha definição, o caráter de estado do indivíduo como aquele que se sente como uma “tendência para reduzir toda a existência” (Ferreira, 1986, p. 1620)⁸. Ao contrário, a palavra *percepto* caracterizaria também a tendência a “... ser objetiva, de validade geral” (Ferreira, 1986, p. 1620). Esta maneira de utilizar o significado da palavra portuguesa vale também para a tradução em outras línguas, como o inglês e o francês. Portanto, caracterizá-las através da primeira distinção objetivo-subjetivo.

Entretanto, o termo *estado subjetivo* é bastante comum constando atualmente da subdivisão *experimental*, parte das áreas de conhecimento das ciências humanas. Minha conclusão é empregar os vocábulos como sinônimas: estado externo ou objetivo e estado interno ou subjetivo.

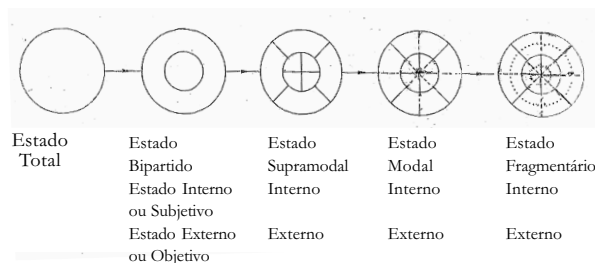


Figura 1. Representação esquemática dos escalões de percepção.

(D) *estado modal* e (E) *estado fragmentário* (veja na Figura 1)¹⁰. Descendo a partir do estado bipartido, todos os quatro estados apresentam uma parte externa e uma interna.

Os cinco escalões que acabamos de arrolar vão dos estados *amplos* até os *restritos*. O par de adjetivos *amplo-restrito* refere-se ao tamanho dos acontecimentos percebidos. O adjetivo *amplo* se refere a grandes espaços dos perceptos; o adjetivo *restrito* se refere a pequenos espaços dos perceptos. Assim no escalão de estado total o espaço é o mais amplo; no escalão de estado fragmentário os perceptos são os mais restritos. Nos escalões intermediários, a amplidão diminui ou a restrição aumenta. Há uma semelhança com Werner (1948/1961). Entretanto, para Werner os acontecimentos vão de conteúdos *sincréticos* até *discretos*, retratando o desenvolvimento. No meu caso, os cinco estados são apenas maneiras de perceber. Os seres humanos *preferem* o estado supramodal e a repartição estado bipartido interno ou subjetivo. Portanto, a direção dos estados amplos para os restritos não obedece a nenhuma direção além da estrutural.

Muda com a passagem de um estado a outro o seu conteúdo? A não ser a *atitude* do percebedor, o conteúdo não se altera.

em fins do século XIX. Esse p — *atitude perceptiva* — é uma dura minutos ou horas, ao cor pode durar anos. É esse cor que será utilizado no presente & Parot, 1991).

Vejamos rapidamente doi há bastante tempo, um por Be XX e outro por Brunswik r empregam o conceito de ati Vittorio Benussi, um psicól *gestaltista* ou *Gestaltqualität* de v que trabalhava na época em um experimento sobre a ilus Lyer — duas linhas paralelas em suas pontas, o primeiro para dentro e o outro com (veja a Figura 2). O único sujei apresentações tinha de perce *comum de todo ora na atitude de i* era mais forte na primeira ati atitude de isolamento das pa uma ilusão bem caracterís Woodworth, 1938).

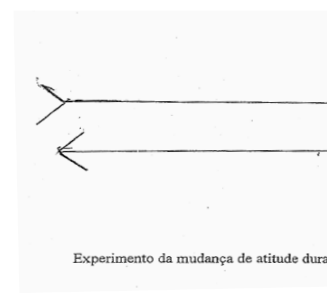


Figura 2. Estimulação no c (1904).

ou uma atitude *de pintor*. Como instruções para levar o sujeito a assumir uma atitude realista-ingênua, Brunswik disse-lhe o seguinte:

Dê suas estimações na base de sua primeira impressão dos tamanhos dos objetos em questão. Você precisa considerar os tamanhos das ‘coisas’ como vistas na atitude comum de sua vida diária... Não se deixe influenciar pelos seus conhecimentos abstratos acerca do tamanho dos objetos em questão, ou da memória deles, ou da ótica, etc.¹¹

Na atitude chamada de pintor ou *perceptiva analítica* disse-lhe:

Tente analisar perceptivamente ou desintegrar a cena de uma maneira tal que um pintor deveria ser capaz de desenhar um retrato perspectivamente correto... Relacione seu julgamento como a uma vara imaginária situada num plano frontal, a um metro de distância de seus olhos.¹²

Os julgamentos foram distribuídos aleatoriamente numa ou noutra atitude. As duas atitudes representariam, para Brunswik, dois polos principais de intenção da percepção: se o objeto fora visto dentro do quadro tridimensional — distal — ou se fora visto como se apresentando numa tela colocada num cavalete a um metro de distância — proximal. Os resultados mostram correlações diferentes entre os tamanhos reais dos objetos e os perceptos nas duas atitudes. As correlações são perto de 1,00 nas atitudes distais e perto de 0,70 nas atitudes proximais.

Nesses exemplos duas atitudes perceptivas são utilizadas. Por que não poderiam ser usadas cinco? As diferenças entre elas são as mesmas que nos experimentos de Benussi e de Brunswik.

A seguir, vamos colocar as características e as evidências empíricas dos cinco estados.

Estado total

São estados momentâneos de consciência nos quais o

O núcleo da idéia do *todo* surgiu na Alemanha sob influência de von Ehrenfels, na virada do século para o XX. Sob a direção de Meinong, foram realizados experimentos nos quais há sempre, em primeiro lugar, uma consciência total. Cornelius foi influenciado por von Ehrenfels e Meinong. Cornelius escreveu que os sentimentos são o *todo*. Seu discípulo, Krueger chamava esse estado de *totalidade*, sendo a totalidade idêntica àquela consciência em estado total.

O sentimento muda de momento para momento e invade a consciência como um todo. Essa maneira de conhecer esse sentimento é total. Esse estado como estado total. É uma experiência vivida. Nessa totalidade acaba rapidamente em fragmentação. Na psicologia, no qual se toma uma atitude perceptiva, nos experimentos realizados em Leipzig de 1937/1953b; Sander, 1930/1973, 1934/1962). Os recentes retratam o estado total (Ehrenfels, 1937/1953b; Sander, 1930/1973, 1934/1962).

O que acontece com indivíduos com problemas de meditação? Pelo que se sabe, após muitos anos, o ponto final é um estado de consciência total. Não há diferença entre a *própria pessoa* e o mundo. Em termos da teoria atual, não há diferença entre a parte externa e a parte interna. Seria, à primeira vista, total. Nesse estado total, não é apenas o mundo que desaparece, mas também a preocupação com o mundo que se passa no ambiente. “A experiência é a consciência por si só — pura, silenciosa, sem objetos fenomênicos”¹³.

Ao contrário dos outros estados de consciência, o estado total por Krueger, nunca passei pessoalmente por esse estado. Entretanto, Austin (1998) me assegura que os períodos de tempo dos seres humanos são gastos com a consciência *blanks* em inglês ou *vazios* em português. Os períodos são necessários para contrabalançar as ações. Seria um repouso fisiológico, um

comum e alcançam um modo de ser de tranqüilidade, em que novamente não existe a divisão entre observador e observado.

Austin lembra que em estudos a respeito da meditação Zen, o termo em inglês para traduzir o japonês *mushin* foi *ausência de mente*. A ausência de *mente* ou *consciência* não ocorre durante as meditações. Pelo contrário, a consciência seria bem caracterizada. Entretanto, seria um estado total e, além disso, livre das preocupações (Austin, 1998; Crook, 1980; Shear & Jevning, 1999).

Estado bipartido

O indivíduo encontra uma bipartição da pele percebida, de tal maneira que apenas dois estados podem ocorrer: o *estado externo* ou *objetivo* fora da pele percebida e o *estado interno* ou *subjetivo* dentro da pele percebida. Durante muito tempo escrevi sobre aquilo que denominei de estados subjetivos. Foi a partir desta definição que surgiu a presente teoria dos estados de percepto na década de 1980.

Evidências sobre estados externos são os menos citados. Além de Cattell (1957), pode-se mencionar o livro de Katz (1935), publicado primeiro em alemão em 1930 e depois traduzido para o inglês; estudos do *Ganzfeld* ou *campo total* no qual a estimulação percebida por um observador é completamente homogênea (Koffka, 1935); repetição dos experimentos com luzes coloridas (Hochberg, Triebel & Seaman, 1951). Eduardo Legal (2002) que tinha sido meu doutorando, apresentou uma tese que utiliza relatos verbais de estados externos, de maneira semelhante àquela que apresentei com relação a estados internos.

Sobre estudos de estados subjetivos ou internos apresentaram-se nestas últimas décadas diversas pesquisas. É um dos estados preferenciais para percepção consciente. Pode-se exemplificar com o excelente estudo de Carroll Izard (1972). Além disso, há pesquisas realizadas por Wessman e Ricks (1966), Davitz (1969), Fleeson e Cantor (1995), Schimmack e Diener (1997), etc. De Rivera (1984),

no entanto, teriam contribuído outros na parte externa e prop outros na parte interna. Além referem a acontecimentos tridimensionais, incluindo trechos que correspondem a estímulos que enviam estimulação. Apesar de essa parte sem estimulação. Recebem

Psicólogos trabalham com percepção, etc., esquecendo que a maneira de perceber é, muitas vezes, uma sensação. “A maneira com que as coisas se relacionam representa um papel importante na percepção”¹⁵, disse Lavat. Apesar de ser um forte defensor da teoria da informação inicial deve ser considerada a percepção *multimodal*, isto é, a percepção majoritária de abordar a observação de que sua posição sobre a percepção de o termo deve ser *supramodal* (Lavats, 1978a).

Há algumas características da percepção numa única modalidade. Na percepção se apresentará no qual a percepção, apesar disso, creio que normalmente é *supramodal*.

Marks (1978b) relatou cinco aspectos desse problema: (a) a *doutrina da percepção* de acordo com a qual os diferentes aspectos da percepção das mesmas características de percepção *doutrina dos atributos e qualidade*. (b) a *doutrina da percepção* de acordo com a qual haveria atributos das várias modalidades de percepção. (c) a *doutrina das propriedades psicológicas* de acordo com a qual os muitos diferentes aspectos da mesma propriedade psicológica correspondem a *correspondências neurais*, de acordo com a qual os aspectos neurofisiológicos idênticos ou semelhantes por processo neurais iguais; e (d) a *doutrina dos sentidos*, de acordo com a qual os

descreve mais uma sensação, o *sensus communis*. Não é mais um tipo de modalidade, mas a natureza comum aos cinco anteriores (Aristóteles, trad.1947; Ross, 1923/1949).

Os estados supramodais externos apresentam o tipo de percepção mais comum. Apesar disso o número de experimentos, em comparação ao grande número de perceptos modais, é muito reduzido. Os mais citados sobre estado supramodal externo são de von Hornbostel (1927/1955), de Werner (1934), de Marks (1978b) e de Walk e Pick (1981). Os principais estudos sobre estado supramodal interno são os de Mason (1961), de Davitz (1969), de Shields (1984) e de Nieuwenhuyse, Offenber e Frijda (1987).

Estado modal

São os perceptos externos ou internos nos quais a modalidade ou o tipo de sensação constituem uma das diferenciações. A maioria dos estudos atuais de percepção se qualificam nesse tipo de estado modal.

Estudos sobre o estado modal são os mais comuns dentro da psicologia da percepção. Como exemplo, podemos citar o capítulo de Dodwell (1975), os livros de Rock (1975) e de Gibson (1979) para os casos de visão, o capítulo de Jones (1978) para os casos de audição e de Kenshalo (1978) para percepção térmica, isto no caso de estados modais externos. No caso de estados modais internos mencionaremos o capítulo de Kenshalo (1978), escrevendo sobre a cinestesia. Os capítulos de Sternbach (1978) e de Chapman (1978), além do livro de Melzack e Wall (1988), colocam a dor como estado modal. Em português temos os livros de Simões e Tiedemann (1985) e de Biasoli-Alves e Da Silva (1990).

Estado fragmentário

Estados fragmentários é o nome que dei aos experimentos do início da psicologia experimental que analisava a consciência em *elementos* ou *sensações*, pequenas partes que se atingia durante a *introspecção* clássica.

orientação de psicólogos, evidentemente uma situação *sui generis*.

Em 1879, quando Wundt inaugurou em Leipzig, um dos objetivos do estudo era chegar aos “elementos” *mentais*. Wundt usou dois métodos de observação da consciência: (1) a observação ou *Selbstbeobachtung* e (2) a percepção ou *innere Wahrnehmung*. O primeiro método, a consciência introspectiva descreve a percepção do objeto, não capta a percepção real. Por isso, Wundt rejeita esse tipo de introspecção. O que realmente seria retrospecção. Ao contrário, a percepção interna seria a percepção presente de um objeto no tempo mínimo. O relato verbal seria tão rápido que encontraria eventos de memória curta. Wundt observador passaria por uma prática de percepção de realçar uma observação rápida atencional, pode ser científico, se for repetida imediatamente posteriores. A seguir, percepção de diversas percepções internas de um sujeito, olhando um objeto, constroem-se percepções psíquicas. A dificuldade desses experimentos em estudos de laboratório limitados a percepção de tamanho, intensidade e duração dos objetos (Danziger, 1980; Wundt, 1905).

A introspecção para Titchener era a percepção de Wundt, ainda que tenha sido discípulo de Wundt, introdutor e tradutor de muitos dos seus trabalhos em inglês. Titchener aprendera filosofia e matemática na terra natal, a Grã-Bretanha. A introspecção para a maioria dos ingleses, era o que Wundt chamava de *auto-observação*. O introspeccionista realmente realizar o experimento através da percepção de um objeto era a melhor maneira de captar a percepção de um objeto. O observador era treinado de maneira a captar os “elementos” e não realizar o erro de confundir a “sensação” com características do objeto (Boring, 1921/1963; Titchener, 1912).

Os números iniciais das revistas *Philosophische Studien*, *Archiv der gesamte Psychologie* e *American Journal of Psychology*, estão preenchidos por artigos desta tendência psicológica. As “sensações” visuais, auditivas, táteis, térmicas, gustativas e olfativas referem-se a fragmentos externos. As “sensações” proprioceptivas e interoceptivas referem-se a fragmentos internos. Os sentimentos referem-se tanto a fragmentos internos quanto externos. Revisões mais recentes dão-se no livro de Beebe-Center (1932/1965), nos capítulos 10, 19, 20, 21 e 22 do tratado de Woodworth (1938) e na parte sobre o *feeling* do livro de Magda Arnold (Arnold, 1960).

Ânimos: Estados Bipartidos Internos ou de Outro Lado Estados Totais

Parti da posição que as emoções, sentimentos, afetos e, além disso, outros estados não-emocionais semelhantes eram na sua maioria perceptos bipartidos internos ou subjetivos (Engelmann, 1978). Koffka julga que as emoções conscientes são na maioria organizações do Ego. Essa era maneira com que eram observadas por muitos outros gestaltistas da escola de Berlim e mesmo um discípulo de Krueger. De outro lado, essas mesmas emoções seriam totalidades em termos da maioria dos psicólogos gestaltistas de Leipzig. Portanto, do meu ponto de vista seriam estados totais (Koffka, 1935; Krueger, 1937, 1953b; Sander, 1930/1973, 1937/1962).

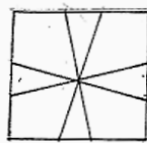
Quem teria a razão? Pensei longamente no assunto e cheguei à conclusão que ambos. Normalmente, as emoções-sentimentos são estados bipartidos internos, mas em certas situações seriam estados totais. E como denominar às vezes o estado bipartido interno e às vezes o estado total? Deveria ser um termo novo. *Ânimos*, ou *moods* em inglês, seriam estados que são emocionais, como *angry* (com raiva), *sad* (triste), e também não emocionais, como *serious* (sério), *tired* (cansado), de acordo com Nowlis (1965). Passei a denominá-los também de estados de *ânimos*. Entretanto, *ânimo* é um *estado disjuntivo*.

Conceito disjuntivo é aquele que é definido por dois ou

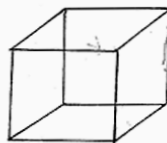
sempre a mesma estimulação. Há uma mesa longa com livros e cadeiras longe, uma estante está encostada com livros, e uma mesa com cadeiras em cada lado. A mesa e as cadeiras são de almoço ou de jantar. No momento está vazia. Além disso, o observador vê as paredes da sala.

Como verificar a teoria dos ânimos nesta situação? O observador sente ansiedade. Para ele há uma ansiedade que ele deverá fazer dentro de três horas. É forte e invade não apenas sua mente que se encontra fora dele. Ele encontra fora dele é aquilo que forma o ânimo. Ignoram-se acontecimentos que ocorrem mas que não são capazes de serem percebidos. Com o tempo, o grau de ansiedade do observador pode mudar agora. Sente ansiedade dentro dele, mas não é dia claro, mas frio. Seu estado é *dia claro e frio*. Agora muda-se para outro percepto. Passa para o estado de vários objetos que se encontram dentro dele. Há dois livros, um novo e um velho. ele precisa olhar antes do exame. Diante e percebe que possuem uma capa de livro novo apresenta uma característica. O outro apresenta uma capa velha e sua superfície é rugosa. Não apenas como vistos, mas como sentidos. Dentro dele, percebe reações. O observador pode tornar-se ansioso. Vê a superfície da capa do livro e a parte mostrada. Capta o seu conteúdo modal. Pode, também, mudar de ânimo. Vê, não a capa em que está escrito em vermelhos e brancos. Como

(A) Figura Ambígua: figura e fundo



(B) Figura Ambígua: cubo projetado numa superfície bidimensional



(A) Tanto a cruz pode ser vista como figura como o X pode ser visto como figura. Entretanto, a cruz e o X não podem ser vistas como figuras ao mesmo tempo.

(B) O ponto da direita central é visto na frente ou o ponto da esquerda central é visto na frente. Entretanto, as duas visões são incompatíveis no mesmo instante.

Figura 3. Visões das figuras.

fundo ou as visões de um cubo projetado numa superfície bidimensional (veja as Figuras 3 A e B). Nesse caso, a consciência, num determinado momento, é de uma ou de outra, mas nunca a visão simultânea das duas (Koffka, 1935; Wertheimer, 1923/1938). Essa consciência única deve apresentar-se também no caso dos cinco escalões de percepto.

O que ocorre no caso de dois, ou mais, estados de percepto que apresentam o mesmo nome por causa de um conceito disjuntivo? Não mostram nenhuma diferença por causa desse nome. Inclusive, mantive no exemplo citado, a ansiedade como ocorrendo como estado total e como estado bipartido interno. São escalões diferentes e, portanto, não podem coexistir.

porções sensoriais. Portanto, haveria no *estado* emocional e uma parte sensorial. Em art LeDoux (1995) indica uma série de c anatomia do sistema límbico e quanto uma parte *emocional* tal como a desc LeDoux acredita que sob o nome de *em* de conceitos que talvez não devam ser organização neurológica única.

Entretanto, ao descrever os referido da consciência na consciência-mediata de origem sensorial sejam de origem *em* é uno. Não há uma diferença significat Essa dupla repartição fisiológica — talv do que dois — daria origem a um únic na neurofisiologia de Cytowic. A cláss *sensações* ou *cognições*, de um lado, e *afetos* *emoções*, de outro, como partes da consciê cabe aqui, pela falta de dados en comprovem. Por exemplo, os conteúdos indicados pelos relatos verbais *vejo uma* *no dente molar superior* ou *acho o dia extrem* *raiva do meu chefe de seção* cabem todos perceptos. A repartição é entre determin acontecimentos da consciência-mediata da própria consciência-mediata (Engelmann, 1997b).

Dúvidas para Prosseguir

É a teoria que apresentamos sobre es um esquema fechado? De um lado, sim considerarmos uma parte da consciência-r então há muito assunto a ser discutido entendidas como tão próximas de perc igualmente submetidas aos mesmos escalõ haveria uma divisão também de pens volições?

Diversos autores acreditam, pelo mer humano, que existe uma consciência cha

quebra essa divisão. É por isso que tenho minhas dúvidas se mantenho a meditação como percepto ou deixo-a para o caso geral da consciência.

Há muitos estudos sobre as imagens, inclusive sobre o relacionamento entre essas imagens e as partes neurológicas. Durante muito tempo, houve uma discussão sobre se o característico era a imagem como forma de percepto ou pelo contrário sobre sua natureza espacial abstrata. Ao que parece, hoje em dia, ambos os pontos de vista são corretos. Nesse caso, a teoria dos escalões de percepto poderia ser algo válida apenas no primeiro caso, na forma como percepto (Farah, 1995; Tye, 1991).

Os pensamentos devem ser *ativos*. Entretanto, também podem ser *passivos* e nesse caso subordinados a um esquema semelhante ao desse texto¹⁶. E as volições? São apenas ativas. A classificação hierárquica dos perceptos parece ser apenas um dos campos que pode ser estudado.

Conclusão

Esse artigo, além de mostrar a teoria dos cinco escalões de percepto, apresenta uma forma histórica de meus pensamentos. Em 1962 elaborei o estudo de emoções. Como já era na época gestaltista, posição em que agora continuo após passados quarenta anos, meu interesse era estudar a consciência emocional. A consciência emocional apresentava como característica ser percebida como interna ao indivíduo, mas não apresentar além disso nenhuma localização. Entretanto, havia outros estados que realmente não poderiam ser chamados de emocionais, como sentir cansaço ou sentir calor, e que apresentavam quanto ao resto as mesmas características do que as emocionais. Achei melhor criar o conceito de estado subjetivo.

Havia, ao mesmo tempo, alguns estudos que retratavam perceptos internos, porém localizados. Esses estudos retratavam freqüentemente também emoções. A consciência, portanto, podia ser vista como possuindo

e achei que deveria propor os seguintes estados: 1) a única parte do todo até o momento; 2) o todo, isto é, de cima para baixo; 3) o estado total; 4) estado bipolar; 5) estado objetivo-subjetivo; 6) estado bipolar objetivo-subjetivo; 7) estado bipolar objetivo-subjetivo modal e 8) estado fragmentário. Os estados 1) a 8) são estados de estar num desses estados ou de não estar num desses estados, semelhante às atitudes perceptivas. Os estados 1) a 8) são ao mesmo tempo em mais de um estado, os estados 1) a 8) são preferenciais: o estado 1) é preferido ao estado 2), o estado 2) ao estado 3), o estado 3) ao estado 4), o estado 4) ao estado 5), o estado 5) ao estado 6), o estado 6) ao estado 7), o estado 7) ao estado 8), o estado 8) ao estado 1). O estado 1) é interno, e o estado bipolar é bipartido interno e externo.

Essa é a conclusão atual. Se alguém quiser, pode estudar Além de perceptos na consciência, pensamentos, volições e outros estados subjetivos em estudar a sua relação com a consciência.

Referências

- Alves, J. M. & Engelmann, A. (2000). Os estados subjetivos das lavras de estados subjetivos que são percebidos e não percebidos ou falamos. *Humanitas*, 16(1/2), 75-81.
- Aristotele (Aristóteles) (1947) *De l'âme* (J. Vrin).
- Arnold, M. (1960). *Emotion and personality*. New York: McGraw-Hill Press.
- Ash, M. G. (1995). *Gestalt psychology in the 21st century*. Cambridge University Press.
- Austin, J. H. (1998). *Zen and the brain: Toward a new consciousness*. Cambridge, MA: MIT.
- Azevedo, F. F. dos S. (1950). *Dicionário de psicologia* (2ª ed.). São Paulo: Editora Nacional.
- Beebe-Center, J. G. (1965). *The psychology of emotion*. New York: Russell & Russell. (Original publicado em 1921).
- Bertalanffy, L. von (1968). *General system theory*. Braziller.
- Bertalanffy, L. von (1975). The history of general system theory. Em L. von Bertalanffy (Org.), *General system theory* (pp. 149-169). (Original publicado em 1955).
- Biasoli-Alves, Z. M. M. & Da Silva, J. A. (2000). *Visões*. Ribeirão Preto, SP: Universidade de Ribeirão Preto.
- Boring, E. G. (1963). The stimulus-error in the study of psychology, and science (pp. 255-273). (Original publicado em 1921).

- Crook, J. H. (1980). *The evolution of human consciousness*. Oxford, UK: Clarendon.
- Cytowic, R. E. (1996). *The neurological side of neuropsychology*. Cambridge, MA: MIT.
- Danziger, K. (1980). The history of introspection reconsidered. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 16, 241-262.
- Davitz, J. R. (1969). *The language of emotion*. New York: Academic Press.
- Descartes, R. (1989). Les passions de l'âme. Em F. Alquié (Org.), *Oeuvres philosophiques. Tome III* (pp. 941-1103). Paris: Bordas. (Original publicado em 1649)
- Dodwell, P. C. (1975). Pattern and object perception. Em E. C. Carterette & M. P. Friedman (Orgs.), *Handbook of perception: Vol. V. Seeing* (pp. 267-299). New York: Academic Press.
- Doron, R. & Parot, F. (Orgs.) (1991). *Dictionnaire de psychologie*. Paris: P.U.F.
- Edelman, G. M. (1992). *Bright air, brilliant fire*. New York: Basic Books.
- Engelmann, A. (1978). Os estados subjetivos: Uma tentativa de classificação de seus relatos verbais. São Paulo: Ática.
- Engelmann, A. (1982). A psicologia, um ramo da biologia — e as ciências sociais também. *Ciências e Cultura*, 34, 1154-1163.
- Engelmann, A. (1985). Comportamento verbal e relato verbal. *Psicologia*, 11(1), 1-6.
- Engelmann, A. (1986a). LEP — Uma lista, de origem brasileira, para medir a presença de estados de ânimo no momento em que está sendo respondida. *Ciência e Cultura*, 38, 121-146.
- Engelmann, A. (1986b). Contribuições recentes à investigação de estados subjetivos. *Ciência e Cultura*, 38, 1021-1026.
- Engelmann, A. (1987). Percepção de estados de ânimo em sujeitos brasileiros. *Revista Latinoamericana de Psicologia*, 19(3), 319-336.
- Engelmann, A. (1997a). Dois tipos de consciência: A busca da autenticidade. *Psicologia USP*, 8(2), 25-67.
- Engelmann, A. (1997b). Principais modos de pesquisar a consciência-mediata-de-outros. *Psicologia USP*, 8 (2), 251-274.
- Engelmann, A. (1998). Ciência natural e consciência. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 273-280.
- Engelmann, A. (2001). O meu-mundo e o resto-do-mundo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 211-223.
- Engelmann, A. (2002). A psicologia da Gestalt e a ciência empírica contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18, 1-16.
- Farah, M. J. (1995). The neural bases of mental imagery. Em M. S. Gazzaniga (Org.), *The cognitive neurosciences* (pp. 963-975). Cambridge, MA: MIT.
- Farthing, G. W. (1992). *The psychology of consciousness*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Ferreira, A. B. de H. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, A. B. de H. (1999). *Novo dicionário da língua portuguesa* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fleeson, W. & Cantor, N. (1995). Goal relevance and the affective experience of daily life. *Motivation and Emotion*, 19, 25-57.
- Gibson, J. J. (1979). *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin.
- Jantsch, E. (1980). *The self-organizing universe*. Oxford.
- Jones, M. R. (1978). Auditory patterns: Studies in the structure. Em E. C. Carterette & M. P. Friedman (Orgs.), *Handbook of perception: Vol. VIII. Perceptual coding* (pp. 255-288). New York: Academic Press.
- Katz, D. (1935). *The world of colour* (R. B. MacLeod, Trans.). London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. (Original publicado em 1911; 2ª. ed. 1930)
- Kenshalo Sr., D. R. (1978). Biophysics and psychophysics. Em E. C. Carterette & M. P. Friedman (Orgs.), *Handbook of perception: Vol. VII. Feeling and hurting* (pp. 30-74). New York: Academic Press.
- Koffka, K. (1924). Introspection and the method of the *Journal of Psychology*, 15, 149-161.
- Koffka, K. (1935). *Principles of Gestalt psychology*. London: Kegan Paul.
- Köhler, K. (1938a). *The place of value in a world of facts*. London: Routledge & Kegan Paul. (Original publicado em 1911; 2ª. ed. 1930)
- Köhler, K. (1938b). *Physical Gestalten: A source book of Gestalt psychology*. W. D. Ellis (Org.), *Physical Gestalten* (pp. 17-54). London: Routledge & Kegan Paul. (Original publicado em 1911; 2ª. ed. 1930)
- Krueger, F. (1953a). Über psychische Ganzheit. Em F. Krueger - *Zur Philosophie und Psychologie der Ganzheit*. Springer-Verlag. (Original publicado em 1920)
- Krueger, F. (1953b). Das Wesen der Gefühle. Em F. Krueger - *Zur Philosophie und Psychologie der Ganzheit*. Springer-Verlag. (Original publicado em 1937)
- Lange, C. G. (1967). The emotions. (I. A. Haupt, Trans.). Em (Org.), *The emotions* (pp. 33-90). New York: Hafner. (Original publicado em 1885)
- LeDoux, J. E. (1995). In search of an emotional system arising from fear to emotion and consciousness. Em (Org.), *The cognitive neurosciences* (pp. 1049-1061). Cambridge, MA: MIT.
- Legal, E. J. (2002). *Levantamento dos relatos verbais dos estados subjetivos*. Tese de Doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Lewis, M. & Haviland, J. M. (Orgs.) (1993). *Handbook of emotion*. Guilford.
- MacLean, P. D. (1975). Sensory and perceptive functions of the triune brain. Em L. Levi (Org.), *Emotion and measurement* (pp. 71-92). New York: Raven Press.
- Marks, L. E. (1978a). Multimodal perception. Em E. C. Carterette & M. P. Friedman (Orgs.), *Handbook of perception: Vol. V. Seeing* (pp. 321-339). New York: Academic Press.
- Marks, L. E. (1978b). *The unity of the senses*. New York: Academic Press.
- Mason, R. E. (1961). *Internal perception and bodily functions*. New York: National Universities Press.
- Melzack, R. & Wall, P. (1988). *The challenge of pain* (E. J. Kniffler, Trans.). Guilford.
- Miller, J. G. (1978). *Living systems*. New York: McGraw-Hill.
- Miller, J. G. & Miller, J. L. (1982). The earth as a system. *Journal of Geology*, 90, 302-322.
- Natanson, T. (1988). Is any state of consciousness a

- Rivera, J. de (Org) (1984). The analysis of emotional experience. *American Behavioral Scientist*, 27, 675-832.
- Rock, I. (1975). *An introduction to perception*. New York: Macmillan.
- Ross, W. D. (1949). *Aristotle*. London: Methuen. (Original publicado em 1923)
- Sander, F. (1962). Zur neueren Gefühlslehre. Em F. Sander & H. Volkelt (Orgs.), *Ganzheitspsychologie* (pp. 125-146). Munique: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung. (Original publicado em 1937)
- Sander, F. (1973). Structure, totality of experience, and Gestalt. Em C. Murchison (Org.), *Psychologies of 1930* (pp. 188-204) (S. Langer, Trad.). Worcester, MA: Clark University. (Original publicado em 1930)
- Scherer, K. R., Wallbott, H. G. & Sommerfield, A. B. (Orgs.) (1986). *Experiencing emotion*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.
- Schimmack, U. & Diener, E. (1997). Affect intensity: Separating intensity and frequency in repeatedly measured affect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73, 1313-1329.
- Shear, J. & Jevning, R. (1999). Pure consciousness: Scientific exploration of meditation techniques. Em F. J. Varela & J. Shear (Orgs.), *The view from within: First-person approaches to the study of consciousness* (pp. 189-209). San Diego, CA: Imprint Academic.
- Shields, S. A. (1984). Reports of bodily change in anxiety, sadness, and anger. *Motivation and Emotion*, 8, 1-21.
- Simões, E. A. Q. & Tiedemann, K. B. (1985). *Psicologia da percepção*. São Paulo: E.P.U.
- Sommerhoff, G. (1990). *Life, brain and consciousness*. Amsterdam: Elsevier.
- Souza, M. R. C., Camacho, C. & Tavares, S. (1985). Alterações nos estados subjetivos de pessoas idosas em decorrência da audição musical. *Psicologia*, 11, 53-62.
- Spitzer, C. (1956). *Dicionário analógico da língua portuguesa* (5ª ed.). Porto Alegre: Globo.
- Sternbach, R. A. (1978). Psychological dimensions and perceptual analyses, including pathologies of pain. Em E. C. Carterette & M. P. Friedman (Orgs.), *Handbook of perception: Vol. VII. Feeling and hurting* (pp. 231-261). New York: Academic Press.
- Titchener, E. B. (1912). The schema of sensation. *Psychology*, 23, 485-508.
- Titchener, E. B. (1913). *A primer of psychology*. New York: Macmillan.
- Titchener, E. B. (1973). *Lectures on the elements of psychology: Processes*. New York: Arno Press. (Original publicado em 1908)
- Tweney, R. D. & Yachnin, S. A. (1986). *The psychology of perception*. New York: C. J. Hogrefe.
- Tye, M. (1991). *The imagery debate*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Volkelt, H. (1962). Grundbegriffe der Gestalttheorie. Em F. Sander & H. Volkelt (Orgs.), *Ganzheitspsychologie* (pp. 1-12). Beck'sche Verlagsbuchhandlung. (Original publicado em 1937)
- Walk, R. D. & Pick, H. L., Jr. (Orgs.) (1994). *Perception: An introduction to experimental psychology*. New York: Plenum.
- Werner, H. (1934). L'unité des sens. *Journal de psychologie*, 31, 1-12.
- Werner, H. (1961). *Comparative psychology of the human mind*. New York: Science Editions. (Original publicado em 1949)
- Wertheimer, M. (1938). Laws of organization of perception. Em W. D. Ellis (Org.), *Handbook of experimental psychology* (pp. 71-88). London: Routledge & Kegan Paul.
- Wessman, A. E. & Ricks, D. F. (1966). *Psychology of perception*. New York: Rinehart and Winston.
- Whitehead, A. N. (1985). *Science and the modern world*. New York: Free Press. (Original publicado em 1927)
- Woodworth, R. S. (1938). *Experimental psychology*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Wundt, W. (1905). *Grundriss der Psychologie*. Leipzig: Engelmann.

Sobre o autor

Arno Engelmann é Professor Titular em Psicologia no IP/USP, Pesquisador do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP.